

Maternidade na guerra

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Se, como dizia o poeta, "ser mãe é padecer no paraíso", certamente hoje a poesia se obrigaria a novo verso para cantar a maternidade. E, infelizmente, seria um verso de lamento e dor. No Rio de Janeiro, no Brasil, no mundo, especialmente no Oriente Médio, ser mãe é padecer no inferno da guerra, das bombas, do sangue que a tudo banha, das balas perdidas. Ser mãe é não ter um só momento de sossego, sentindo nas entranhas que um dia trouxeram filhos ao mundo o constante sobressalto do pânico e do terror de não saber se ainda estarão vivos na semana seguinte, no dia seguinte, no minuto seguinte. Ser mãe é sentir sua maternidade constantemente ameaçada pela morte que a nada poupa, nem mesmo as crianças, os jovens, os indefesos, os pacíficos.

O Dia das Mães acaba de passar e sobre a mesa ainda resta o que sobrou dos almoços festivos, das comemorações diversas, dos presentes ganhos. Os rostos ainda estão quentes dos beijos e os corpos guardam o calor amoroso dos abraços dos filhos que, de diversas maneiras, foram homenagear suas mães e também, e não menos, sentir-lhes a presença, o carinho, a proteção desejada e buscada, mesmo quando adultos e criados.

Em meio às comemorações, me perguntei: como terá vivido a mãe de Luciana, atingida por uma bala perdida enquanto estudava na faculdade e que acaba de sofrer delicada cirurgia com risco de ficar tetraplégica? Como o terá vivido a mãe de Gabriela, que pela primeira vez em 14 anos não foi acordada pela alegria quente e barulhenta da filha adolescente, morta há um mês no metrô do Rio de Janeiro? Como o terá vivido a mãe de Márcia, assassinada em Santa Teresa há dois anos por operários que faziam obras em sua casa?

E se a comemoração do Dia das Mães não se realiza no Iraque, como estará sendo o cotidiano de tantas mães que há meses não fazem outra coisa senão recolher os corpos dos filhos, mutilados, amputados, feridos e mortos? Como estará o coração dessas mães,

obrigadas pelos delírios da violência e da ambição dos poderosos deste mundo a viver a maternidade em tempo de guerra e a recolher em seus braços os destroços da vida que um dia brotou, alegre e pujante, de seus ventres grávidos?

As instâncias humanas não lhes são de nenhum consolo. Aliás, elas já não esperam mais nada dos responsáveis pela ordem, que têm falhado tristemente em equivocadas tentativas de combater o crime organizado, de impedir a guerra, de restabelecer a paz.

Talvez o único presente que se lhes possa oferecer pelo Dia das Mães que passaram carregado de dolorosa ausência seja a palavra de Deus, que se identifica com sua maternidade e sua dor. Os profetas do Primeiro Testamento muitas vezes descrevem Deus como uma mãe cujas entranhas não cessam de estremecer de amor pelo filho, que é o próprio povo de Israel. Em Is 49, 15, Deus é comparado a uma mãe amorosa: porventura a mulher esquece a sua criança de peito, esquece de mostrar sua ternura ao filho da sua carne?

A todas as mães que vivem a monstruosa e invertida orfandade dos filhos perdidos, a fé garante que o próprio Deus sofre com elas no mais profundo de seu infinito amor e as acompanha na saudade e na dor.